

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

Uma semana de formosissimas noites de luar tem convidado os barcelenses a gosar as bellezas da sua terra á luz cariciosa e branda do astro favorito dos amantes, ao qual não ha poeta algum que não tenha chamado meigo, saudoso, melancolico, silencioso, doce, côr de prata.

Tolavia percorrendo-se esta villa e os pontos de vista mais deleitosos que a circumlam, ás 9 ou 10 horas de qualquer d'essas apraziveis noites, já raro se encontra quem proporcione ás suas faculdades estheticas o espectáculo barato da natureza em plena amenidade, desenrolando toda a magia scenographica dos seus panoramas, n'uma inundação de luz suavissima que se desprehe como d'enorme lampala electrica, sem deslumbramentos, sem nos ferir a retina.

Nem o jardim publico, nem as margens do Cavaço, nem a estrada de Vessadas, nem o cemitorio de S. Braz, nem qualquer outro de tantos passeios agradaveis, consegue arrastar para fóra das casas os habitantes d'esta importante população. Os homens,—que, durante o dia entregues ao seu labatar mais ou menos rude, mais ou menos sedentario, tanto carecem do ar livre e puro e oxigenado, que avigora o organismo, dessorado pelos ambientes corrompidos, como precisa do emocionismo consolador que a contemplação da natureza nos pode despertar, abstrain lo-nós d'esta sociedade tão radicalmente prosaica, arida e mercantil,—encerram-se, talvez, nos antros do vicio e da crapula, n'um suicidio lento, atrophian-do todas as forças organicas e embotando todas as faculdades do espirito.

As damas,—como em geral na Europa e tão differentemente dos habitos e costumes norte-americanos, detidas, á guisa de plantas de estufa, quasi semanas inteiras nas habitações, sem banhos, sem exercicios, entreten lo-se em futilidades, ou entregues aos misteres domesticos, e para quem o bom ar é tão preciso como para o homem, e para quem, como providente desvio das suas tendencias phantasistas e imaginativas, tão salutaras são as impressões e extasis naturalistas, passam decerto as horas destinadas ao passeio, ou que decorrem tão bellamente illuminadas, como para accender-nos elevadissimos pensamentos e profundas cogitações,—passam decerto essas horas, lendo, á luz intensa d'um candieiro de petroleo, algum fraco romance, producto da imaginação florentia ou exploradora de qualquer litterato intelligente, mas sem criterio.

E cá fora a atmosfera tranquila, morna e impregnada de perfumes, estimula-nos o pensamento e o sentimento em toda a sua gamma, em todas as suas cambiantes, em toda a sua escala chromatica de vibrações.

No meio de toda esta serenidade, lá se ouve, de quando em quando, da extremidade do arvoredo, as sonoridades d'um concerto pantheista. Uma d'essas musicas suaves, a um tempo cheias de tristeza e de vivacidade, que são proprias d'este ceu, d'este clima e d'esta natureza favorecida, musica divina que fenhe o ar como uma serenata de suspiros, ou como um alegre vivissimo e ovante, segundo a emotividade, a feição subjectiva de cada individualidade. Que admiravel! Que bello espectáculo nos prodigaes então a natureza!

Não po le bem um simple e despretençioso chronista descrever tolo o admiravel conjuncto d'esse manto soberbo de prata a distender-se por todos os recantos; dos arabescos, rendas e filigranas, que os arvoredos desenham nas estradas e nas alamedas, e do mirifico espelhar das aguas chrystalinas, sob aquelle feixe de raios tenuisimos; do ritmo e melodia que nos recordam as lindas musicas arabes, cuja influencia se pretende apereber nas musicas populares da Andaluzia.

Deviam de ser assim as noites eleitas pelos Abencerragens para ir cantar, em dulcissimas arias, os seus amores e as suas desventuras ás formosas mouras, que, segundo as lendas, ainda hoje habitam os esuros e mysteriosos subterraneos dos castellos ou torres encantadas.

Em Barcellos parece que nem a ternura dos namorados presta o verdadeiro culto ao astro que tolo se lhes delica, desle que se torna o seu confidente, até que se lhes apresenta transbordante de mel para lhes alogar a existencia n'uma plenitude de felicidade. . .

8-6-95-

J. J.

De Beldemonio:

Maximas modernas.—Da carteira d'um experimente:

Faze aos outros o que os outros quizeriam fazer-te a ti.

Antes só que bem acompanhado.

Inter duo libigantes, o terceiro é o que apanha.

A LAGRIMA

A CAVALGADA

(Do livro inedito de F. Sá Vianna)

*A lua banha a solitaria estrada.
Silencio! . . . , mas além, fêbil e brando,
O som longiquo vem se approximando
Do galopar de estranha cavalgada.*

*São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando,
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada. . .*

*E o bosque estala e move-se e estremece,
Da cavalgada o estrépito que augmenta
Perde-se após no centro da montanha. . .*

*E o silencio outra vez so'urno desce,
E límpida e sem macula e alvaçenta
A lua a estrada solitaria banha. . .*

Inedito de RAYMUNDO CORREIA.

VILLÃO SERVIDO

Houve no salão da Camara uma *matinée*, promovida pela Commissão do Recolhimento do Menino Deus e cujo producto reverteria, diziam os annuncios e os bilhetes, a favor do cofre do mesmo Asylo. Foram convidados todos os jornaes da terra, menos a «Lagrima».

Não nos admirou isso, nem nossa nos fez, porque, realmente, a «Lagrima não deve estar nas graças da Commissão do Asylo. E não deve estar nas suas graças, por o seguinte:

—Porque a «Lagrima» foi o jornal que mais propaganda fez a favor do Recolhimento do Menino Deus:

—Porque deu dois numeros extraordinarios, sendo o ultimo collaborado por escriptores illustres entre os illustres, em honra do mesmo Asylo.

Ora, sendo certo que—villão servido é villão fugido, a Commissão do Asylo não deve gostar da «Lagrima».

Não é pelo bilhete que fallamos. E' pela falta de consideração que houve para commoço.

SARILHANDO

Ha em Braga um jornal que dá pelo nome de «Sarilho».

Sarilho é uma engenhoca de arranjar as miadas. Uma especie de dóbadoura em sentido vertical.

Ora, para haver miadas, é necessario haver fiado; e lá diz o rilão em aviso as mulheres preguiçosas, que em março não têm miadas no coração:

Sou março marçoção,
curo miadas, esteiras não;

e, zás, pspaga-lhes uma sóva nos lombos. Com o que elle lhe pspaga não sabemos; mas po le ser muito bem com algum instrumento contudente e pesado, com qualqer cacheira na ponta.

Quanto ao sarilho *jornal*, estamos exactamente como o marçoção para as mulheres preguiçosas, que, em noites hibernaes e á luz suave e consoladora do lar, não tiravam da roca fios humidos, cobertos de hoijos, com que enovellassem o fuzo, e enchessem a pedra do lar de rólon-las marçocas, como obuzes no cimo d'uma fortaleza.

O «Sarilho» das frigidadeiras é um sarilho virgem de ideias. Ou é um eunucho, castrado á nascença. Não ensarilha cousa com geito.

Quiz parodiá-lo o «Pimpão», esse bello e hilariante jornal de Guilhermo de Azaveo, de Souza Bastos, de Gervasio Lobato, Antonio de Menezes e Silva Pinto, uma constelação de riso, com reverberações sarcásticas de graça, e, afinal, sabi-nos um paspalhão, semelhante aos espantalhos que os lavra lores costumam collocar nas hortas e nos meloães, nos campos de milho minilo e no cimo das arvores fructíferas—para afugentar os pardaes e outros consumidores agricolas.

Quer dizer: o «Sarilho» é o espantalho, inchado de palha, da que lhe sobra das refeições. O «Pimpão», que elle queria imitar, é o campo flutuelento, cheio de seiva e cheio de fructos, que encanta o lavrador, o lavrador ideal, que vê a scintilla do talento, e a admira, como o lavrador terra a terra vê o pyrillampo luzir e brilhar nos boiraes dos caminhos, e admira e se curva perante aquella graciosidade suggestiva da luz electrica.

O «Pimpão» é um ideal. O «Sarilho» é uma montureira.

Uma montureira de estereo e de lama. Estereo de ideias e lama de pensamentos.

E' necessario a gente, quando o lê, apertar o nariz com o pollegar e com o index.

Quer imitar o mestre, o *divino*, nos concursos poeticos, e no proprio concurso faz versos que é da gente lhe lembrar:

Fui vor a minha amada
que estava em ceroulas
ó Baptista do chapu cebanto
dá cá o dinheiro da subscripção academica.

E quer ter espirito, o maganão do «Sarilho» jornal.

Não admira.

Já um dia a burra de Balaan fallou.

E a burra é sempre burra.

Quem nos diz a nós que o «Sarilho» é burra?
Se o fôr é filho de macho, e o coito é incestuoso.

Arre burros. . .

A LAGRIMA

*

No entanto, ha quem acompanhe o «Sariibo», quem o *ensanche* de louvores.

Mas, querem saber quem assim o louvaminha? Parece incrível; mas é verdade, e elle está tolo contente.

Quem acompanha e ri, e folga, e louva, e exalta o «Sariibo» são estes dois portentos:



Dois garotos!
—Lé com lé...

NOTICIAS DIVERSAS

Fazem annos: no dia 27 d'agosto, o sr. Antonio Paes de Faria; dia 7 de janeiro de 1897, Antonio Comportino e Bazilio de Jesus.

—O nosso amigo José Rodrigues Teixeira foi nomeado servo da confraria do Santo Bom Homem.

—O sr. João Bernardo está ensaiando o baile do Penedo, para ser exhibido, pelo S. João, em Barcelinhos.

—A uso das aguas ferreas tem estado em Niães o sr. Joaquim A. Pereira.

—O sr. Bernardino Antonio Pereira setá compondo uma valsa intitulada a *Santa Chaga* que dedica aos filhos do procurador Martins.

—Afim de estudar o regulamento dos expositos, esteve em Lisboa o sr. Gonçalo de Barros.

—Deve chegar amanhã, a Barcelinhos, o sr. Goldim Robolant, que vem encarregado pelo governo de estudar o encanamento do rio Cavado. Por iniciativa dos industriaes Medros & Lapuz ser-lhe-ha feita uma recepção condigna na estação do caminho de ferro de Vessadas. Ha tentões de offerocer ao illustre visitante-engenheiro um banquete no hotel do sr. Francisco da Ponte.

—Em casa do nosso amigo Cordinhas ha na terça-feira uma sessão solemne, presidida pelo sr. Pitadas, em que fallará sobre a immortalidade

da alma o sr. Ricocas. Será convidado o sr. Goldim a assistir a ella.

—Foi hontem raptado em Barcelinhos o sr. Costa Barcellos.

—O carvalho denominado de Santa Comba, de S. Bento da Varzea, appareceu hontem coberto de peras d'amôrin.

—Na Apulia appareceu um enorme tubarão. Aberto a machado pelo banheiro Carvalho, foi-lhe encontrado no estomago uma caixa com ferros de brunir e um pipote com cerveja em que se lia: «J. J. O.—Portugal—Minho—Barcellos».

—Muito animada a *soirée* que o cidadão Manoel José Barboza offereceu na sua PROPRIEDADE ESTRANGEIRA ás pessoas de suas relações, festejando o seu 24.º anniversario natalicio.

O serviço foi excellente: bifes de lagosta, pastéis de raia, ereme de batata, doce sortido á *Pouza*, agua-pé, licôr *Esquina*, champagne *Soneira*, chá de musgo d'Hollanda, etc.

Ao piano Adolpho Cibrão, como sempre, divino. A orchestra, sob a direcção do sr. João Valongo, era composta dos amadores José Parauta, José Contenças, João Ceguinho e Theotônio Alves.

DIA A DIA

Pegou de enxerto, na pessoa do sr. Coelho dos *guisos*, uma rosa palmeirão, o que causa espanto sem limites.

—Soldou por completo o sr. Jeronymo Monteiro. Receiava-se que escachasse de todo, mas, felizmente, não succedeu semelhante hecatombe, mercê ás polainas salvadoras.

—Pegou de estaca, na muzica dos Bombeiros, o sr. José Marcellino. Este anno ainda não tem dado flôr.

—Que é nephelibatismo?

A sala d'autopsia da palavra, o theatro anatomico da phrase e o despejo do monturo scientifico «ó» litterato...

—Na conferencia feita pelo sr. Pitadas, sobre os males da vinha, na quinta do dr. Fontes, foi provada a conveniencia dos lavradores usarem escada de mão nas vindimas, como preventivo para o *mildio*.

—Subiu a cabeça a cima do cabello ao sargento do Real d'Agua.

Perto da estação ha um campo de centeio já doirado pelo sol de junho. A estrada passa junto.

Pires vac de cavaco com o amigo Serio, um bom serás e uma excellent alna, o que o não livra d'umas colieas que o torturan.

—Amigo Pires, cá estão *ellas* a affigir-me. Com licença...

A LAGRIMA

O centeio ondula gracioso como as tranças flavas d'um cherubim ideal, e as espigas recheadas curvam a fronte como que envergonhadas de á sua vista se praticar um acto puramente physiologico.

—Pires, Pires, acode que anda sardão a ferir-me nas costas, ail Jesus!...

Mas, Pires já tinha ido para casa, e lá vae o pobre diabo, cheio de terror, a correr até casa do Pires, com as calças na mão.

—Que é isso, oh Serio?

—Ai! e elle cá anda, pois se eu até lhe sinto mexer o rabo! E' um sardão como uma casa!...

Largue lá a farpella e bote para cá o bicho, que coimigo ha de dal-as tezas. E Serio despe-se, e Pires já quer chegar uma moletada la uma coisa que vá bulir...

Afinal de contas... umas espigas travessas que o castigaram pelo pouco decoro e offensa ás suas collegas, que ficaram a rir da traquinice, tinham-lhe entrado pelas costas.

O sr. Gaspar da S. Fortuna é um *maestro* do nosso «pequeno meio artistico» mechanico.

Costuma ir todas as somanas, em torneio artistico, dar córda ao relógio do municipio.

Descia elle, um dia d'estes, as escadas do tribunal, chave na mão e a mão no nariz, quando a sua barriga se chocou n'uma pança á *Peixoto*. D'esse baque não sahii nenhum raio... Porém d'esse enocontro sahii o seguinte dito espirituoso:

—O relógio ficou a trabalhar bem, Fortuna?

—E' impossível: porque o cheiro das sentinas do tribunal transtorna-lhe a *cabeça*...

NOTAS DA QUINZENA

O que houve esta quinzena e o que houve nas transactas é quasi que uma e a mesma cousa.

Uma enxurrada de sensaboria e um caudal de má lingua... para entreter o flato.

A *matinée* foi o despertador mais violento que nos estremunhou no meio d'esta somnolencia, apathicamente aldeã, da quinzena.

Abanou-nos a bolsa e dobrou-nos o coração ás emoções dulcificantes.

O Carreira, que é o *marochal* dos muzicos barcelenses, reuniu, á si, tudo que n'esta villa sabe distinctamente jogar notas de muzica e converteu o salão da Camara n'um S. Carlos.

Fez bem.

O salão onde ultimamente só se tem ouvido a voz do verrador Fernandes, pesada como o seu abdomen e a do Manuel Esteves, tímida como o seu todo bonhomieo e bom—salientou-se, impon, subiu á patente superior do *artístico*.

Tivemos, pois, desde a figura fradesca e sympathica do rejitor Mattos, até á frazzina e delicada

da sr.^a D. Emma, arranços claros e homogeneos de muzica fina.

Mudando.

Isto de kermesses, torneios, theatros e matinéas em favor das creancinhas do Recolhimento do Deus Menino, vae sen lo já uma febre de beneficencia, que está quasi a tomar, n'uns delirios acentuados, um caracter enlemico.

..... ha para ahi muita poeilga sem ar e muita arca sem bróa a pedir *kermesso-matinées*.

Uns verdadeiros *asyls* de miseria, onde não assomam, infelizmente e desgraçadamente, longas *commissões* caritativas.

Dizia n'outro dia um pavão obeso, apontando com um dedo coroadado com uma unha *enlustrada*, alguns escriptos amados na *Lagrima*:

—*Isso* é escripto por mim, *aquilo*, tambem...

—Não são, rasmungo eu agora aqui, porque os *istos* e *aquilos* não tem *bazorada*...

Pavões...

Temos recebido inumeras queixas de huminosas carecas, protestando contra o inconveniente da hora da procissão de Corpo de Deus.

Lastima-se uma careca, com lagrimas no cotulo, por ella sahír ás dez horas da manhã...

Sim, por que elle é caso de fiar a calva n'um rajão.

Oh glutões! muita attenção:

—Pasteis de doce a *vinem*,

N'esta villa, só os tem

O Duarte Silvação.

Está n'esta villa uma companhia de zarzuela. Uma novidade para Barcellos.

Onvem-se p'rá'hi, vozes scintillantes, estensas, vigorosas, espontaneas, sonoras, e etc., em tucos de 400 reis.

Barata festa e farta satisfação...

«Gratuito ou localmente fallando», como diz o José Vieira Velloso,—a zarzuelice agrada.

—Quem é o Baptista do «Sarlho»?

—A hypothese minina d'uma *intelligencia* o á particula minuscula d'um *enfant-quié*. *Bonovo* de corda, renejo de phrases desafinadas.

COMPRAM-SE POR 40 REIS CADA UM DOS N.ºs 18 E 20 DO 3.º ANNO DA «LAGRIMA».

Responsavel:—João G. da Silva